

Evandson Sousa

**O LIVRO
DE CONTOS
NONSENSE**



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

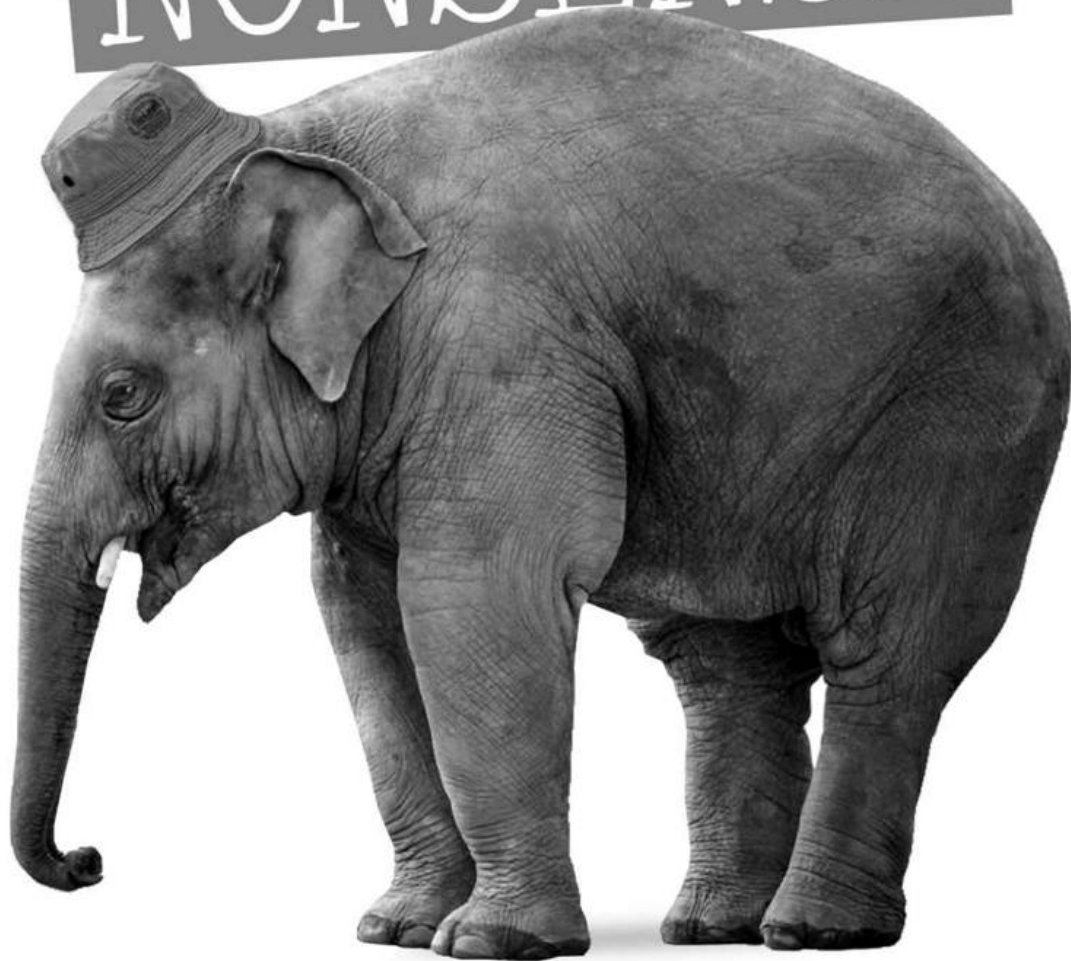
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

O LIVRO DE CONTOS NONSENSE



Evandson Sousa

O Livro de Contos Nonsense

Evandson Sousa



CASA DO
ESCRITOR

*Rio de Janeiro
2019*

O Livro de Contos Nonsense de ***Evandson Sousa***

Editor
Eldes Saullo

Revisão
Triza Marsallo

Projeto Gráfico e Editorial
Casa do Escritor
casadoescritor.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725l Sousa, Evandson,
O Livro de Contos Nonsense / Evandson Sousa. – Rio de Janeiro -
RJ: Publicação Independente / Casa do Escritor, 2019.

ISBN 978-1675179246

1. Humor e Sátira Brasileiros. I. Título.

CDD B869.7

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

*Dedico este livro ao grupo Capinaremos,
em especial a Murilo e Jennifher, grandes amigos sem os
quais não teria mergulhado
tão profundamente nas águas do absurdo
e do surreal.*

Dedico também a todas as janelas do mundo.

Sumário

[A Jujuba Francesa](#)

[Bilhete encontrado por Heitor Beltrão de Melo e Sá](#)

[O Cigano e a Bandeira Branca](#)

[O Dono do Açougue](#)

[Enquanto isso, na Cidade](#)

[O Monte de Tinta Preta](#)

[Zoológico](#)

[Entre Números e Objetos](#)

[Divagação Franca sobre Pombos](#)

[Na Cafeteria](#)

[Bruno Trenzinho-Fechado](#)

[A Coruja](#)

[Do Alto do Prédio](#)

[O Menino da Lancheira Amarela](#)

[Lili & Naufrágio](#)

[O Sumiço do Sol](#)

[Pequeno Conto do Universo Preso no Mesmo Ciclo](#)

[Pipo, a Bola de Gude Espacial](#)

[O Segredo de Guilherme](#)

[A Agonizante Vida da Sacolinha Vitória](#)

Dez Reais

T. F. Jorge

Bolinhas de Papel

Na Biblioteca

Gusmão, o Prato

A Jujuba Francesa

Jujubas francesas são, por definição, esnobes. Preciso deixar isso bem registrado como um ponto crucial e marcante da característica dessas jujubas, mesmo que não adicione nada para a trama. Devo ressaltar também que “francesa”, no caso, não se refere à sua nacionalidade, mas sim ao seu formato ímpar, desenvolvido de maneira pioneira nas fábricas francesas de goma de mascar e espalhado pelo mundo.

Carla era uma típica representante dessa classe. Seus traços europeus, seu sotaque sutil e sedutor, faziam dela uma das jujubas mais conhecidas e veneradas do município de Campos do Jordão. Beto, vendedor de água e sucos refrescantes, sofria de paixonite crônica por Carla. Ele possuía olhos cor de mel, cabelos ondulantes e uma pele com a tonalidade da areia da praia. Carla sequer sabia de sua existência e Beto tinha plena consciência disso, mas ele nunca se deixou abalar por um detalhe tão ínfimo. Ao saber da existência deste conto, entusiasmou-se. Era sua grande chance! Finalmente estaria diante de Carla, unidos por um texto, que seria lido por ambos em algum momento e seria um grande auxílio para que um assunto surgisse. Porém Beto notou, ao fim do segundo parágrafo, que o conto não trataria mais dele. Ele seria sumariamente ignorado pelo resto da história, não tendo nenhum papel realmente relevante no enredo. Beto entristeceu-se.

Era começo do verão e Carla passeava serelepe, distraída, pela rua dos mercadinhos locais, com seus fones

de ouvido no último volume quando, desatenta, não percebeu o que acabara de surgir em sua frente: um monstro colossal feito de linguiça! Só nesse momento ela observou a destruição que a criatura estava causando na área, o grito desesperado dos lojistas e dos trabalhadores da feira que estavam próximos, as famílias correndo por suas vidas. Suas feições eram distorcidas, pedaços de carne processada se debandavam da grande massa móvel de mais de cinco metros de altura.

Carla entrou em pânico, instintivamente virou-se de costas e correu o mais rápido que pôde. O tumulto era tanto que,

no meio da confusão, Carla tropeçou e acabou caindo. Não olhou para trás por medo, mas viu um clarão, seguido de um estampido ensurdecedor, rasgarem o ambiente. Olhou na direção da criatura grotesca e se deu conta: ele fora atingido por um raio! Caiu logo em seguida e se dissipou num aglutinado de carnes tostadas.

Carla não andou pela rua dos mercadinhos locais desde então.

Bilhete encontrado por Heitor Beltrão de Melo e Sá

Florescia uma manhã saborosa na casa dos Melo e Sá. Heitor, filho dedicado e boa pessoa, abria vagarosamente os olhos enquanto os primeiros feixes de luz atravessavam as frestas da persiana de seu quarto.

Bocejante, Heitor aprontou-se para realmente acordar. Foi ao banheiro lavar o rosto, ajeitou-se em suas roupas velhas do dia a dia e caminhava para a cozinha quando deparou-se com um bilhetezinho pregado na pequena mesa de centro da sala, que, por sinal, estava inóspita e silenciosa.

“Morremos” dizia o bilhete, seguido de “com amor, mamãe”.

Heitor ficou tão aturdido com aquele bilhete que até se esqueceu de seguir para a cozinha. Apertou o bilhete contra a mão, amassando-o, e afundou-se no sofá da sala, pensativo e inquieto. “Morremos”, “com amor, mamãe” — repetia ele, sem muita convicção de que as palavras realmente saíam de sua boca. Não conseguia chorar, nem se indignar, nem ao menos esboçar alguma emoção que não a confusão trazida pelo bilhete inesperado. Levou as mãos à cabeça e começou a pensar em como aquilo se deu, em como um ser humano com quem conviveu com tanto tempo teria realmente a atitude de partir deste mundo e

deixar um bilhete como esse, sem explicações, sem detalhes de seus motivos. Heitor forçava na memória, mas não se lembrava de nenhum grande problema ter acontecido no âmbito familiar há um bom tempo. O casamento de seus pais ia bem, inclusive há poucos meses comemoravam suas bodas de prata. Suas duas irmãs estavam razoavelmente bem também, uma na faculdade de Letras e outra terminando o ensino médio — dizia que queria ser veterinária.

A manhã saborosa se tornou mais amarga quando ele olhou pela janela, ainda no sofá, e um princípio de ventania e chuva se aproximava, cobrindo parcialmente os raios de sol que antes o acordaram. “Como será que tudo ocorreu, até o ponto de ela escrever isso e partir desta vida?”, pensava o jovem Heitor, sem ainda ter captado o peso da situação, começando a se perder em devaneios. Ela podia ter envenenado seu pai, estrangulado as filhas, escrito o bilhete e, por fim, ceifado a própria vida. Mas a troco de quê? E se isso realmente aconteceu, onde estariam os corpos? Será que ela, antes de ceifar a própria vida, teve o sangue frio de levar os corpos inertes de seus familiares até um ponto distante e ateado fogo em todos, inclusive em si mesma? E se, em vez disso, ela tivesse discutido com o marido, dado-lhe uma facada na região do abdome, bem entre as costelas, e ele foi perdendo a consciência enquanto olhava, incrédulo, para a esposa que lhe acertara um golpe fatal — e, nesse meio tempo, as duas filhas estavam acordadas, viram a cena, e foram também esfaqueadas no frenesi da mãe ensandecida? Podia ser até bem mais inesperado que isso: ela podia estar tendo a mente controlada por um esquilo superdesenvolvido, que tinha justamente o poder de controlar as mentes de humanos e fazer com que matassem familiares. Mas se essa hipótese fosse a melhor, por que Heitor não havia sido atacado também? Não... não fazia sentido Heitor escapar ileso

dessa, ele nem se considerava o filho mais querido. Podia muito bem ter sido um outro tipo de esquilo superdesenvolvido, um que especificamente ordenasse que a vida de Heitor fosse poupada, assim as peças se encaixariam melhor. Mas então, por que raios de motivos esse esquilo pouparia sua vida? Será que Heitor, no final das contas, tinha um grande propósito de vida e sua existência não poderia ser finda naquele momento, de maneira tão abrupta e sem nexos? Era bem provável. Heitor reconfortou-se nessa ideia e, em algum lugar de seu coração, as coisas pareciam um pouco mais brandas após a recente perda de toda sua família.

“Bom dia, filho”, disse a mãe, passando na sala, de camisola. Acabava de acordar — essa informação foi entregue por sua gritante cara de sono e seu cabelo desarrumado. “B... Bom dia, mãe...”, respondeu Heitor, incrédulo e de olhos arregalados. Releu o papel que já estava amassado em sua mão e, com uma certa cautela, dirigiu-se à sua mãe. “Este papel aqui...?” questionou Heitor, sem de fato terminar a pergunta, entregando aquela forma amassada e gasta nas mãos de uma possível homicida. A mãe pegou o papel, leu-o em voz alta, com um certo tom de indiferença no peso das palavras que saíam como manteiga de sua boca. Olhou o filho nos olhos e só então entendeu, pelo olhar, que ele estava apreensivo. “Ah, filho, relaxe, é mentira”, disse, com um pequeno sorriso no canto da boca, devolvendo o papel amassado ao filho e seguindo para seus afazeres.

Heitor ficou sem chão, mas ficou razoavelmente satisfeito que a situação toda não chegara a ser real. Isso aliviou um pouco o pesar que sentia. Seguiu para a cozinha e encheu, mais tranquilo, uma tigela de flocos de milho com leite.

O Cigano e a Bandeira Branca

Numa estrada de terra batida, interior de Minas Gerais, sob um sol de fevereiro, caminhava um andarilho. Não possuía mais que suas próprias vestes, já encardidas, um par de sapatos velhos, um boné gasto (com o número de um vereador de uma eleição de algumas décadas atrás) e, além de tudo isso, uma bandeira, branca, encaixada grosseiramente em seu boné.

Talvez ele quisesse fazer da bandeira branca um estandarte. Se fosse isso, faltava imponência à bandeira, por seu tamanho diminuto, e imponência ao seu portador, por seu jeito maltrapilho. Mas ao cigano isso não importava, carregava-a como parte de si, como uma projeção de seu corpo. Aquela bandeira era exatamente isso — uma projeção de si, na forma de um espeto com um pano branco amarrado em uma das extremidades.

Ao passar de cidade em cidade, as pequenas comunidades interioranas o olhavam com um toque de curiosidade e estranheza, justificada não pelos seus andrajos, mas pela incógnita bandeira branca que passeava junto ao homem. “Deve ser mais um doido”, “coitadinho, devia ter problemas na cabeça e a família abandonou”, ou ainda “de gente assim eu quero é distância! Loucos são imprevisíveis!”, diziam.

Nunca respondeu a nenhum comentário, sequer virava a cabeça na direção dos olhares afiados e julgadores dos

que passavam. Apenas ia seguindo. Deitava-se nas praças quando tinha sono, comia o que lhe ofereciam, guardava esmolas para necessidades extremas. Mas a bandeira branca nunca foi explicada.

Até que um dia, passando desatento por uma trilha de cascalhos, encontrou Deus. Deus estava sentado num toco de uma árvore seca, afinando um violão. Olhou para o cigano por um momento — o cigano não o reconhecera, mas o encarou de volta —, acenou e chamou-o para mais perto. Ele atendeu ao chamado, aproximando-se a passos lentos, aqueles passos de um homem já cansado de apenas acordar, caminhar, tentar sobreviver e voltar a dormir, por anos e anos. Deus, em toda sua imponência e onisciência, apontou para a bandeira branca no boné do andarilho e questionou, mesmo sabendo a resposta “por que tens uma bandeira branca pregada a seu boné?”. O cigano, com a estranheza da pergunta, ficou desconfiado e achou se tratar de alguma piada que não havia entendido. Mas, mesmo assim, retirou o boné da cabeça para verificar.

Realmente, havia uma bandeira branca em seu boné. Mas ele não tirava seu boné há tanto tempo que nem notou. Disse “Eita, tem uma bandeira branca no meu boné! Foi você quem a colocou?”. Deus respondeu “Não” e, num piscar de olhos, um arco íris apareceu e o levou embora, para além das nuvens, de maneira lenta e bonita. O cigano pareceu não se importar muito com a forma linda de despedida de Deus — na realidade é provável que ainda não tenha entendido que esteve diante de Deus, ele não era muito atencioso —, e desembrolhou um pão velho para comer, pois a fome o agredia. Jogou de lado, perto do toco de árvore, a tal bandeira que, em algum momento, alguém colocou em seu boné, e seguiu viagem. Deus, lá de cima, observou o cigano partir e, só depois, foi dormir.

O Dono do Açougue

Anoitecia quando Afrânio percebeu algo estranho em seu açougue. Os funcionários já haviam ido embora e ele ficara para fechar o estabelecimento.

Um barulho estranho vinha do frigorífico. Parecia muito o som de uma madeira oca acertando o chão, num compasso ritmado. Afrânio, receoso, ligou as luzes do frigorífico, empunhou sua pistola de segurança predileta e foi vistoriar a área. O som parecia aproximar-se conforme andava em direção à última peça bovina do corredor. Além disso, já se via claramente os movimentos de uma sombra, declarados pelas fortes lâmpadas do frigorífico. “Quem está aí?” perguntou Afrânio, na direção do som, sem respostas, porém com o barulho ritmado persistente. “Quem está aí?” repetiu, mais nervoso, com a mão um pouco trêmula, mas empunhando a pistola com mais firmeza. Não houve resposta.

Sem pensar muito, e começando a sofrer com o frio daquele setor, Afrânio deu um chute na peça bovina, fazendo-a balançar, e acertando o vulto gerador do barulho por trás dela. O vulto se moveu e saiu de trás do enorme pedaço de carne. Era uma esfera de madeira de aproximadamente 50 centímetros de diâmetro, oca, com adornos prateados, estilizados, em suas extremidades inferior e superior, que ia até o chão e subia até a altura dos olhos do homem.

Afrânio, assustadíssimo, alvejou o estranho artefato com todas as balas que tinha, errando todos os tiros. A

esfera permaneceu em seu lugar, quicando, indiferente ao acontecido. Afrânio deu meia volta e correu de lá, desenfreado, tropeçando e quase caindo diversas vezes no percurso. Já havia saído do açougue e cruzado duas ruas quando resolveu parar para respirar, certificando-se de que a esfera macabra não o seguira.

— Ando trabalhando demais, deve ter sido uma alucinação — disse o homem, tentando conceber o ocorrido, e achando melhor não chamar a polícia para averiguar. Decidiu que precisava descansar.

Chegando em casa, jogou sua roupa sobre a cama, tomou um banho de água morna para relaxar um pouco, e tentava, sem sucesso, distrair a mente da maldita esfera de madeira que agora o assombrava. O compasso oco estampava em sua cabeça o som implacável, inesquecível, que, sentia agora, o atormentaria por muitos e muitos tempos. Deitou a cabeça no travesseiro, cobriu-se com um fino lençol e nessa noite decidiu não dormir de janelas abertas — um medo subconsciente da esfera maligna. Após uma luta interna, conseguiu adormecer, na esperança de acordar no dia seguinte confiante de que isso fora um sonho ruim.

O sol ainda não havia nascido quando seu telefone tocou — era um de seus funcionários do turno da manhã pedindo para que Afrânio aparecesse com urgência no açougue. Barulhos de sirene e agitação foram notados ao fundo.

Ainda no susto da ligação repentina e da noite mal dormida, Afrânio havia esquecido por um momento de todo o episódio do dia anterior. Arrumou-se depressa, sem nem ao menos tomar seu café, como fazia religiosamente, e saiu para o açougue.

Foi no meio do caminho que um barulho incômodo começou a ecoar e, naquele mesmo momento, lembrou-se de tudo. Mas por que motivos o barulho estava tão maior agora? Chegando à rua do açougue, entendeu.

Diversos curiosos cercavam a área, delimitados por faixas e fileiras de carros da polícia, de bombeiros e uma ambulância. O tumulto era generalizado. Todos olhavam, estarecidos, para o açougue destruído.

Afrânio não acreditava no que via: a pequena esfera de madeira agora tinha mais de vinte metros de diâmetro, rasgava os céus e ia de encontro aos destroços do açougue, esmigalhando mais e mais concreto a cada descida, no mesmo ritmo do dia anterior.

A madeira parecia intacta, nada danificava aquele artefato. Afrânio viu os policiais planejando alguma tática para frear aquele ser incompreensível.

Afrânio, num misto de desespero e raiva, foi na direção da estranha esfera — O QUE VOCÊ QUER AQUI, CRIATURA DESUMANA?! QUAL O SEU PROPÓSITO COM ISSO?! VOCÊ DESTRUIU TUDO QUE EU BATALHEI ANOS PARA ERGUER, A TROCO DE QUÊ? — vociferou, indignado.

A esfera parou seus movimentos destrutivos e pairou no ar por um instante. Nesse momento, um súbito frio subiu pelas entranhas de Afrânio. Seus olhos arregalaram-se — a criatura havia notado sua fala. Um rosto feminino se materializou da madeira indestrutível, traços finos, pode-se dizer até que elegantes, se formaram e fitaram, austeros, o pobre dono do açougue destruído.

— Eu estava te paquerando, mas você não entendeu minhas indiretas — disse a esfera, com um tom de voz tão doce e suave, como que uma melodia calmante feita por dezenas de harpas, que não se imaginava sair de uma esfera de madeira gigante e surreal.

A esfera desapareceu instantaneamente, de forma abrupta. Não houve um deslocamento, não houve uma mágica de torná-la mais e mais transparente, até ser invisível aos olhos, nem uma súbita desfragmentação de suas partes. Ela estava lá, depois não estava mais.

Depois sumiu a ambulância, sumiram os carros de polícia e seus policiais, sumiram os bombeiros. Sumiram os pedestres curiosos. Sumiram os destroços do açougue, completamente. Afrânio notou que sumira também a rua, e sumira o céu.

Afrânio estava no vazio das horas, e lá sumiram seus sapatos, sua calça e camisa. De súbito, sua cueca se tornou uma sunga. Também de súbito, o vazio se tornou uma piscina enorme, na cobertura de um condomínio de luxo. Afrânio se assustou.

Ele gritou, mas ninguém o ouvia na piscina, exceto Afrânio, seu clone homônimo, nu, que o observava por trás de uma pilastra.

Enquanto isso, na Cidade

Chovia suavemente na cidade. Conforme as gotas encontravam o chão, formando pequenas poças, homens e mulheres transitavam nas formigantes avenidas do centro. Carros populares aguardavam pacientemente o sinal de trânsito lhes dar passagem. Um vendedor ambulante carregava capas de chuva que apareceram de súbito em sua venda, segundos após o primeiro dos chuviscos acertar a cidade. Alheio à movimentação das massas, havia também um cão vira-lata, cor de caramelo, deitado sobre um pequeno papelão, escoltando fielmente o sono de seu mendigo, ambos seguros por um toldo de um estabelecimento fechado. Dois ratos andavam, apressados, próximos às calhas desse mesmo estabelecimento, longe dos olhares curiosos dos transeuntes.

Cristóvão, o rato maior, mais robusto, ofegava mais pelos custosos e rápidos passos que a chuva o obrigava a dar. Eurico, por sua vez, era jovem e ágil, porém cego. Guiava-se por seus outros sentidos e sempre que saía da rota, Cristóvão prontamente o auxiliava para que voltasse ao caminho.

Ainda no percurso das calhas, Eurico esbarrou em algo — uma lâmpada! — disse Cristóvão, ao olhar pra trás para identificar o que houve com seu amigo. “Será que é mágica?”, prosseguiu Cristóvão, com Eurico ainda aturdido pela batida.

“Mas o que é uma lâmpada?” perguntou Eurico — sua cegueira o impediu de ter noção e conhecimento de muitas coisas do mundo. Antes que Cristóvão pudesse explicar-lhe, um cavalo etéreo saiu de dentro da lâmpada e começou a relinchar e erguer suas patas no ar, em desespero. Nessa ação, Eurico, que estava completamente confuso, começou a correr sem rumo, por instinto de sobrevivência. Tropeçou na borda da própria calha e caiu de lá de cima, fraturando diversos ossos e impactando seus órgãos vitais. Faleceu quase que instantaneamente ao ir de encontro ao chão.

Cristóvão ficou sem reação. Seu amigo se fora. O cavalo etéreo continuava agitado (nem ao menos notou a queda do pequeno rato cego), e suas patas estavam errando o rato restante por muito pouco. Cristóvão notou que a qualquer momento seu fim também se daria, pelas patas daquela criatura mística devastadora, e decidiu que iria se defender e vingar seu amigo cego.

O cavalo pareceu se desvencilhar do que quer que o tenha aturdido e começou a elevar-se até as nuvens de chuva, como se ele mesmo fosse uma. Cristóvão, percebendo a fuga do cavalo etéreo, sacou de dentro de sua boca um revólver etéreo, com balas etéreas e deu um tiro etéreo no animal. Tiro certeiro em seu tórax.

O animal mágico, que estava flutuando, despencou de uma altura gigantesca e, antes que chegasse ao chão, se tornou uma gelatina de abacaxi. A gelatina de abacaxi espatifou-se, lançando pequenos pedaços por toda a avenida, lambuzando e colorindo o tráfego cinza onde as pessoas, indiferentes, continuavam a andar como se aquele amarelo fizesse parte do cenário triste da cidade desde sempre.

Cristóvão, que amava gelatina de abacaxi, desceu até a superfície da rua e tratou de se alimentar de toda a

gelatina possível, não só por fome, mas também por vingança, enquanto chorava a perda de seu amigo.

O vira-lata cor de caramelo do mendigo que dormia não se atentou a nenhum detalhe da história, mas fez questão de participar do desfecho da trama, simplesmente surgindo no momento final e recebendo uma ênfase que apontava que ele não se atentou a nenhum detalhe da história.

E, em todo o centro da cidade, a chuva fina continuava.

O Monte de Tinta Preta

Deslizamento! — gritou o instrutor, apontando para o topo do rochedo que seria o ponto final da trilha que estava sendo realizada, onde guiava um grupo de 10 americanos.

Todos correram desesperados para uma entrada lateral de uma gruta que, por sorte, estava a poucos metros de distância. Enquanto corriam por suas vidas, era perceptível o estrondoso barulho de desmoronamento, pedras rolando barranco abaixo, levando consigo árvores, sedimentos e montes de terra.

Ao se recostarem sobre a boca da gruta, sentindo-se em maior segurança, o instrutor checkou se todos os 10 americanos também haviam chegado. E sim, chegaram. Isso trouxe um alívio momentâneo — era responsável pela segurança do grupo. Enquanto recobravam o fôlego do susto que ocorreu, todos os americanos, visivelmente abatidos, começaram a dançar ao som de uma música misteriosa que vinha do fundo da gruta. O instrutor ouvia a música (era jazz), mas não dançou. Observou que, ao longe, próximo a uma curva mal iluminada de dentro da gruta, caminhava um alienígena. Os americanos não pareciam notar sua presença, mas o instrutor, ao primeiro sinal do vulto, empunhou firme sua faca e andou em direção a ele com cautela.

— Quem é você e o que quer aqui? — indagou o instrutor para o alienígena, que àquela altura estava a menos de três metros de distância.

O alienígena, num gesto insolente, ignorou completamente a questão do instrutor, talvez por não entender o idioma, ou talvez por realmente ser insolente mesmo. Ergueu sua mão na direção dos americanos, que ainda não o viam. A música parou. Os americanos se tornaram tinta preta, e aquela enorme massa líquida parecia estar sendo guiada pelo próprio alienígena.

Co... como você fez isso? — disse o instrutor estarelecido, imaginando estar num sonho. Ao proferir essa pergunta, o alienígena também o transformou em tinta preta, num simples gesto.

O alienígena, concentrado, flutuou até a saída da gruta, erguendo e guiando, com o poder da mente, aquela massa de tinta preta inerte e mórbida que um dia foram seres humanos. Parando para observar o ambiente, notou o deslizamento de terra que ocorrera. Com outro gesto simples, ergueu-se numa altitude muito além do topo do rochedo e remodelou toda a estrutura daquele ambiente. O relevo, as áreas verdes, a conformação geográfica se tornou totalmente diferente (a gruta, inclusive, deixou de existir). Admirou seu feito por um momento e, com outro de seus gestos mágicos, tornou-se invisível, observando sua pequena obra ao longe. A massa de tinta preta continuava com ele, também invisível, porém controlada, planando como um satélite esférico ao seu redor.

O tempo passou. Mais precisamente 7 milhões de anos. Um casal de hiperinsetos fazia um piquenique no topo da região onde ocorreram os acontecimentos citados anteriormente. Eis que surgiu novamente o alienígena, que lançou sobre o topo daquele monte toda a tinta preta que guardava consigo, manchando completamente aquela área com uma tonalidade preta que se impregnou no solo.

Os hiperinsetos acharam que iam morrer, estavam aceitando que aquela criatura sobrenatural ceifaria suas

vidas. Foi quando o alienígena se deslocou até próximo do casal e, após milênios de silêncio, disse calmamente — este monte se chamará Monte da Tinta Preta. — Ao fim de sua fala, o alienígena mirou o horizonte por um instante e foi-se embora para sempre, indo mais e mais alto até sumir da vista de todos.

Os hiperinsetos não compreendiam o idioma do alienígena e nunca mais voltaram naquele lugar que, até hoje, ainda não se chama Monte da Tinta Preta.

Zoológico

Havia um zoológico com apenas três animais: Vinícius, a zebra; Pinduca, a girafa; e um elefante que não tinha nome.

Certo dia o elefante se foi, fugindo do zoológico por um buraco secreto que era ligado à rede de esgoto.

No zoológico agora restavam Vinícius e Pinduca, que não entendiam o motivo do elefante ter fugido, sendo que no zoológico eles possuíam tratamento de saúde, abrigo e alimento. Continuaram vivendo suas vidas, sossegados. Volta e meia conversavam, aos berros, entre as grades que os separavam. O elefante se tornou um tema recorrente — ficavam imaginando onde ele poderia estar, se teria visitado outros continentes, conhecido outras culturas, viajado pelo mundo...

Quatro meses depois, o elefante apareceu no zoológico, disfarçado de zelador. Ele chegou perto de Vinícius, que o reconheceu. “Posso te tirar daqui nesse instante, pequena zebra. A questão é: você quer sair daí?”. A zebra não falava português. Não entendia o que o elefante estava dizendo. Tentou dizer que não entendia, mas o elefante também não compreendia a resposta que Vinícius dava.

Passados alguns minutos, o elefante resolveu tentar falar com Pinduca, a girafa. Chegando em sua área, constatou que Pinduca havia falecido. Entristeceu-se com isso, e retornou para a jaula da zebra.

“Pobre zebra, seu único amigo agora jaz morto. Você não me entende, e eu não tenho ideia de como podemos prosseguir nessa situação”, disse o elefante, com um lamento no olhar. A zebra não absorveu a mensagem, mas captou o tom de lamentação que vinha dos olhos do paquiderme.

Não mais que de repente, uma geladeira *frost free*, duas portas, que serve gelo e água filtrada e geladinha ou natural, que tem acesso à internet e um painel interativo touchscreen, mostrando não apenas a temperatura interna de si, como também a temperatura e previsão do tempo para sua região, além das notícias do dia, atualizadas minuto a minuto, apareceu pairando nos céus do zoológico.

O elefante e a zebra ficaram surpresos com essa entidade e correram pra longe, bem longe, do zoológico, sem nunca mais olhar pra trás.

A geladeira, soberana, riu desdenhosa.

Entre Números e Objetos

Era uma maçã, uma simples maçã, uma maçã comum. Tinha lá seus passatempos, como toda maçã tem. Gostava de escrever números em lugares que ninguém esperava os encontrar. O caso da vez é sobre quando essa astuta maçã resolveu escrever um número dentro de um pão, e, com esse pão, matou um criminoso extremamente perigoso, salvando a vida de mais de setenta pessoas num banco metropolitano.

Foi menos complexo do que está parecendo. Foi mais ou menos assim: a nossa agora já conhecida maçã estava se aprontando pra sair de casa — precisava ir ao banco resolver umas burocracias que nem valem a pena ser explicadas aqui, primeiro porque ela nunca esclareceu pra ninguém que burocracias seriam essas, simplesmente ia ao banco com uma cara fechada e dizia “raios, preciso resolver algumas burocracias!”, batia a porta, e se ia, aos passos firmes e raivosos, com as feições mais indignadas possíveis; e segundo porque iria fugir demais da trama central da história que estou querendo contar. Não teria muita razão me demorar mais do que preciso nesse ponto precisamente, visto que ele não traz avanços para a trama, então, prossigamos.

Ao andar na rua, os ventos de outubro beijavam seus cabelos com uma delicadeza que até o mais simples dos pedestres que parasse um momento para prestar atenção

se hipnotizaria por mais alguns instantes, tamanha a beleza natural daquela cena (não uma beleza estética, mas sim uma beleza poética, da simplicidade do caminhar de uma maçã, com os cabelos esvoaçantes, pela rua, num dia de ventos frios). Maçãs são, por definição, carecas, é a primeira informação com que nos deparamos quando abrimos qualquer livro básico sobre maçãs, portanto o leitor pode estar se perguntando: “mas como raios uma maçã teria cabelos esvoaçantes, então?”. Admito que foi proposital lançar a descrição antes da explicação, para causar no leitor uma espécie de incômodo, tentando desvirtuá-lo dos conceitos já estabelecidos e conhecidos atualmente sobre maçãs, mas entenda que, na realidade, a maçã fazia uso de uma peruca. Essa é a resposta mais direta e óbvia que poderia ser pensada. Ela não era, nunca foi, uma maçã mutante, com tecido epitelial parecido com o nosso, nem nada do tipo, ela simplesmente resolveu usar uma peruca. Mas não saíamos dos trilhos, vamos partir logo para a parte em que ela chega ao banco, sem rodeios.

Foi-se a maçã, indiferente a tudo e a todos, direto para o saguão de autoatendimento. Seguiu atentamente as instruções no painel e foi selecionando, passo a passo, todas as opções que a levariam a ser atendida por um ser humano que possivelmente resolveria sua questão burocrática — reforço que não temos como saber qual questão burocrática seria essa, pois nem ao menos foi possível olhar pelo visor do caixa de autoatendimento as opções que a maçã marcou. Sentou-se, então, num banco azul razoavelmente confortável — muito longe do conforto de uma poltrona de sala de estar, extremamente macia, confortável, da casa de uma tia, onde passou suas últimas férias, em Itatiaia. Aquela poltrona sim era um assento de respeito — e olhava constantemente para sua senha, um pequeno papelzinho com uma sequência de números, e para um visor que deveria, em algum momento, mostrar

essa mesma senha, para que ela fosse contemplada com o atendimento de algum funcionário, que salvaria ela da temida e misteriosa burocracia que adoecia sua alma.

Nesse meio tempo, sacou sua caneta hidrográfica da bolsa e um pão francês quentinho de um de seus bolsos. É nesse ponto que entra aquela característica falada lá no começo: escrever números. Com uma perícia cirúrgica, enquanto aguardava seu atendimento, a maçã fez uma incisão precisa em determinado ponto do pão e, por meio dessa artificial abertura para o meio externo, e com mais perícia ainda, empunhou sua caneta e escreveu um belo de um número onze no pão. Estava muito discreto, um olho comum teria dificuldades para reconhecê-lo.

Agora o leitor deve estar sentindo um pouco mais de satisfação por finalmente ter chegado o ponto da trama onde as pontas soltas começam a se encaixar, onde as informações iniciais começam a se moldar, indicando um fim para a história.

Para irmos direto ao ponto, vou considerar que vocês captaram desde o começo o óbvio clichê de histórias onde há um criminoso que assalta o banco, fazendo reféns. Sério, se isso não ficou cristalino como água que seria para onde a história se encaminharia, sugiro que releia o primeiro parágrafo, é muito explícito que o caminho é esse. Sigamos.

O criminoso então mandou que todos passassem seus pertences, porém a maçã, rápida e astuta, sacou seu revólver e deu três tiros no peito do vilão, antes mesmo que qualquer outra reação pudesse ocorrer. O vilão, derrotado, caiu no chão, enquanto uma poça de sangue começou a se formar em seu entorno. A maçã, com um olhar de alguém que já lutou guerras campais na juventude, se dirigiu calmamente até o criminoso, retirou com todo cuidado o pão francês do seu bolso e o encaixou na boca do homem moribundo. Ainda com uma serenidade em suas ações,

retirou por mais uma vez a caneta hidrográfica azul de sua bolsa e escreveu o número cento e dezesseis na testa daquele homem. Olhando em volta, notou que todo o acontecimento faria seu atendimento demorar muito mais tempo pra acontecer. Suspirou, com um olhar desapontado, planejando voltar outro dia para resolver suas burocracias. Caminhou despreocupada de volta para casa — não sem antes escrever o número quarenta num fusca branco, estacionado a duas quadras do banco.

Divagação Franca sobre Pombos

Imagine um pombo. Todo o resto deste texto vai se basear exclusivamente no fato de você imaginar um pombo — iremos acrescentar detalhes a ele, mas, a princípio, vamos partir desse ponto simples.

Você já viu diversos pombos na vida, creio eu. Seu pombo é completamente igual a eles? A todos eles? À “forma” do pombo? Ele tem alguma característica marcante na plumagem? Sabe, aquele tonzinho esverdeado bem bonito que a gente vê na região do pescoço quando a luz incide sobre ele? Alguma mancha nas penas com coloração diferente dos clássicos tons de cinza? Como é a voz do seu pombo? E o olhar? Ele tem raiva de algum pombo específico? Ele já chorou? Quando seu pombo fala, ele tem sotaque de que região? Qual a fruta cítrica preferida do seu pombo? Seu pombo já conheceu Minas Gerais de norte a sul? Ele nasceu num centro urbano e lá vive desde então? É um pombo caipira? É um pombo kamikaze? É um pombo mentiroso? Ele checa as moedinhas do troco quando compra pão? Sempre? Mesmo? Ele já brigou com um gato? Seu pombo sabe falar que idiomas? Qual a cor preferida do seu pombo? Se seu pombo pudesse ser um animal, que animal ele seria? Ele sabe que é fruto da sua imaginação? Seu pombo fez/faz faculdade? Qual o maior inimigo do seu pombo? Ele já sofreu por um amor não correspondido? Ele já bicou um líder do governo? Seu pombo é vegano? Ele é um

fora-da-lei? Quando usa o banheiro, ele grita? Seu pombo tem nódulos nas coxas e não vai ao médico para checar o que pode ser isso? Ele repete veementemente que está com calor, quando está com calor? Seu pombo já deu um beijo em si mesmo? Qual a altura do seu pombo? Seu pombo tem um penhasco preferido? Uma manteiga preferida? Um caranguejo preferido? Um programa de auditório preferido? Qual o poema preferido do seu pombo? Seu pombo já sonhou com bandeiras? Ele vendeu, comprou, emprestou, ganhou alguma pantufa no decorrer de sua vida, até o presente momento? Se seu pombo fosse um crime, qual seria? Seu pombo é vaidoso? Quantos dias por mês seu pombo cai? Ele já esteve numa situação de perigo? Seu pombo recebe dinheiro ilícito de alguém? Seu pombo largaria tudo por uma tarde linda em Ilhéus? Qual o melhor sorvete que seu pombo já experimentou? Seu pombo é anarquista? Certeza? Quantos anos seu pombo tem? Ele já perdeu algum dos dedos? Numa luta até a morte, seu pombo apostaria em Bach ou Mozart? Quantas paredes tem a casa de seu pombo? Quais as cores delas? Ele tem o quadro de algum presidente latino emoldurado? Seu pombo aceita farofa? Qual a maior vantagem de ser amigo do seu pombo? Ele gosta de jogos virtuais? E de tabuleiro? E de esportes? Quando foi o melhor exame de sangue que seu pombo fez? Seu pombo é avô? Ele é considerado, na sociedade dos pombos, um pombo responsável e maduro? Seu pombo já fugiu de um presídio? Seu pombo já abraçou uma andorinha por pura alegria? Qual a criança preferida do seu pombo? A primeira memória da infância de seu pombo? Seu pombo é muito veloz? Ele gosta de natação? Qual o almoço mais memorável de toda a vida de seu pombo?

Imagine um outro pombo, amigo do seu primeiro pombo. Ele tem alguma característica marcante na plumagem?

Na Cafeteria

No fim das tardes, religiosamente, um senhor entrava na cafeteria. Suas roupas de cores frias, cabelo grisalho e corpo franzino, tentavam demonstrar um ar de discrição, mas que ia na direção oposta de seus óculos, de um vermelho vivo, com armação robusta. Caminhava, a passos tímidos e mancados, para a mesa mais distante e lá se recolhia, em silêncio. Era um homem de poucas palavras, mas, sem dúvida, por mais que evitasse os holofotes, se tornou um elemento natural à cafeteria, que fazia falta quando não estava mais lá.

Era costumeiro dele retirar do bolso de sua calça um bloco de anotações branco, repleto de linhas, e começar a escrever. Como eu ficava atrás do balcão, nunca pude ver direito o que ele fazia, mas parecia muito empenhado, pelas suas feições — uma hora surgia um olhar perdido, em outro momento, um brilho quase que infantil. Não sei se era escrita, se era desenho, ou o que era, mas eu me entretinha muito com as ações simples daquele senhor.

Foi numa dessas tardes que algo estranho aconteceu. Lembro-me bem do senhorzinho sentado em seu canto, indiferente ao mundo externo, focado unicamente em seu bloco de notas, quando outro cliente surgiu em frente ao balcão, solicitando um pedaço de bolo de morango, recheado, e me entregando seu cartão para realizar o pagamento. Me abstraí do senhor no canto da cafeteria e fui atender o cliente. Passei o código do bolo de morango uma, duas, três vezes, em todas as três dava erro no sistema,

indicando que o código que eu digitava era inválido. Mas claramente era o código certo — eu li e reli a tabela dos códigos, fatia de bolo de morango recheado era “20344” e eu digitava, insistentemente, “20344”. “Código inválido”, gritava, virtualmente, o sistema para mim. O cliente começava a ficar impaciente com a demora. Foi então que solicitei apoio da minha superior para resolver a questão. Ela chegou, mulher de cerca de 40 anos, cabelo negro, preso, e de baixa estatura, deu bom dia a mim e ao cliente, e com a técnica de uma perita, foi diretamente resolver a questão do código inválido. Tentou reiniciar o aparelho, o que levou mais um tempo, e mesmo assim, quando o mesmo retornou à suas funções, continuava dando código inválido. O cliente, já impaciente, sacou a carteira e deu uma cédula de 10 reais, a qual aceitamos. Retornamos seu troco e pedimos desculpas pelo inconveniente. Ele saiu pela porta com um ar de poucos amigos, pelo incômodo compreensível que o sistema virtual da cafeteria causara a ele. Passado esse primeiro momento, ficamos pensando, eu e a minha superior, qual teria sido o problema. Tentamos mais algumas vezes, e após a quarta tentativa, usando o mesmíssimo código “20344”, o sistema entendeu, e nos apontou a abençoada fatia de bolo de morango recheado. Vibramos em comemoração.

O senhorzinho, que durante todo esse tempo estava abstraído em suas anotações, veio até o balcão e deu o dinheiro em notas amassadas e algumas moedas, referente à quantia exata de um café expresso. Tendo pago pelo que consumiu no estabelecimento, ele pôs as mãos nos bolsos, agradeceu com um aceno e se dirigiu à saída, indo embora mais uma vez. Talvez ele nunca tenha sabido de toda a situação complicada que o sistema teve com a fatia de bolo de morango recheado. Talvez tenha sido melhor assim.

Bruno Trenzinho-Fechado

Como seu nome sugere, ele era de fato um trem. Um trem fechado. Um trem fechado chamado Bruno. Ganhava a vida primariamente como ilusionista de um circo itinerante, mas também realizava consultas como fisioterapeuta em seu tempo livre – ele nunca se formou em fisioterapia, mas realizava consultas como se fosse fisioterapeuta. Sempre esteve ciente de que isso é crime, mas nunca se importou.

Esbanjava suas tatuagens iradas quando passeava pela praia, seu habitat natural. Foi inclusive num desses momentos litorâneos que sua vida mudou completamente. Era uma manhã extremamente chuvosa, o mar estava revolto. Pessoas comuns geralmente temem tempestades, ainda mais as litorâneas, com ondas agressivas e nem um pouco amistosas, mas não Bruno, ele aproveitava para lavar seus vagões — seu peso o impedia de ser levado pela ventania, e sua forma o impedia de se higienizar corretamente, portanto a chuva era seu momento de se limpar e refrescar.

Durante esse momento, Bruno notou, ao longe, um cachorro sentado, observando o horizonte, imponente e imóvel. Até pensou, por um momento, que se tratava de uma estátua, ou algum pedaço de pedra ou madeira que chegara até lá, mas conforme ia se aproximando, ficava mais certo de que era realmente um cachorro. Aproximou-se com cautela. A praia estava deserta, apenas ele e o cachorro estavam naquele litoral tempestuoso.

“Olá...?” perguntou Bruno, cauteloso. O cão olhou para o lado e se deparou com aquele trem, enorme, logo ao seu lado, e tomou um susto que o desconcertou. “AAAAH! *QUE SUSTO!*”, gritou o cão, tentando se recompor depois do súbito trem furtivo ter surgido e tirado seu foco, “*Me perdoe, não estava prestando atenção, estava olhando para a linha do horizonte*”, continuou o cão, já recobrando a postura.

“*Eu que peço desculpas, cheguei de forma sorrateira...*”, respondeu o trem, um pouco envergonhado pela situação que gerara. “*É que eu não entendi bem... estamos num temporal, próximo da costa, por que você está aí parado, olhando o horizonte? É perigoso para quem não é um trem, por exemplo*” disse Bruno, se mostrando consternado com a calma incompreensível do canino.

“*É que eu gosto muito daqui*”, respondeu o cão, já com o olhar fixo no horizonte novamente. “*Mas... tem algo no horizonte? Não compreendo...*”, Bruno disse, mais confuso do que antes de começar a conversa. “*Não*”, respondeu o cão, e se manteve em silêncio. Os dois permaneceram em silêncio por alguns minutos, sob a chuva. O animal fitando o horizonte, o trem fitando o animal. O ambiente quase silencioso, apenas com o som da chuva e dos recorrentes trovões, começava a ter um tom constrangedor, que ia se amplificando conforme a falta de diálogo se prolongava.

“*Eu posso abrir um vagão para que você entre e se proteja da chuva...*” comentou Bruno, quebrando o silêncio como quem corta uma canjica com um garfo. “*Não precisa, Bruno Trenzinho-Fechado*”, respondeu o cão, ainda impassível. Quando seu nome completo foi pronunciado, Bruno sentiu um arrepio do primeiro até o último vagão. Como aquele cão, alheio ao mundo e a tudo que existe, sabia seu nome?! Seu nome COMPLETO?! Bruno arregalou

os faróis, e com um receio nunca visto antes, questionou “Co... Como você sabe meu nome?”.

O cão, até então desinteressado, se virou completamente para Bruno, ficou apoiado apenas em seus membros posteriores e, gradativamente, começou a tomar uma forma retangular. Bruno, completamente abismado, não entendeu o que estava se passando, mas o processo continuou sem que ele movesse uma única engrenagem. As feições do cão foram se tornando mais homogêneas, sua forma e riqueza de detalhes foram se diluindo num retângulo marrom-areia. Passado um momento, Bruno recuou um pouco, mas sem a menor esperança de conseguir escapar daquela situação, sua anatomia não lhe permitiria nada além de avançar na direção daquela entidade que, agora, estava começando a flutuar. Era uma porta. O cão se transformou numa porta flutuante. E essa porta foi reduzindo seu tamanho, e um brilho ligeiramente ofuscante começava a reluzir na porta — muito provavelmente por conta da boa mão de verniz que fora passada nela — e a porta começou a se aproximar do trem.

A porta planou suavemente até muito próximo do trem e sussurrou “*Eu sei seu nome, Bruno Trenzinho-Fechado, pois seu nome está no título deste conto*”. Ao dizer isso, a porta começou a girar, acelerando a velocidade e se dissipando em vapor d’água. Em poucos segundos, a porta não existia mais, tinha sumido na neblina daquele dia chuvoso, bem em frente aos olhos de Bruno.

Bruno ficou perplexo. Seu nome estava no título do conto. Ele se deu conta de que fazia parte de um conto. Com um pouco de esforço, vencendo a timidez, enquanto a chuva lavava seu rosto, olhou para o leitor. O leitor olhou de volta, nos olhos dele.

Bruno sorriu, timidamente.

O leitor também.

A Coruja

Estela, conhecida como a Corujinha-Fofa-da-Morte-Eterna, era a companheira alada d'A Morte, entidade que certifica o fim de tudo que já existiu. Como sua dona, Estela também é eterna, e no decorrer dessa eternidade viu as mais variadas coisas que ninguém imaginava que poderiam ter morrido.

Desde eras pré-históricas Estela assistia À Morte dando fim a dinossauros, a pequenos mamíferos, a plantas. Mas muito se engana quem pensar que se resumia a isso. Estela presenciou o fim de oito planetas, o apogeu e a derrocada de impérios astrais, o fim de palavras sedimentadas em pedra forte, a detonação de pudins e a desconstrução dos grandes pilares que sustentavam o maior trampolim da existência. Nesse último, Estela se lembra bem a quantidade de mosquitos que precisaram ser sacrificados — efeito colateral da grande desconstrução. A existência nunca mais foi a mesma depois daquilo.

Estela tem um papel fundamental junto à Morte: ela possui uma memória perfeita. Lembra-se claramente de todos os fatos que a Morte, diante de seu trabalho braçal constante e irrefreável, não tem tempo de lembrar, em cada mínimo detalhe. Certa vez, lembrou à Morte o ponto fraco de um semideus da guerra, para ceifar sua vida, pois era chegada sua hora. Já lembrou também a quantidade exata de fermento e ovos necessária para o pãozinho caseiro da Morte atingir a qualidade perfeita — lembrança essa que

deu à Morte sucesso em concluir seu minicurso de gastronomia.

Porém, em sua última ação junto à Morte, no Jardim Suspenso das Borboletas Memoráveis e Lindas que Fazem Melodias Abstratas, onde devastaram 80% de toda a vida daquele local, restaram algumas borboletas muito lindas. A Morte se encantou com uma borboleta amarela que ressoava melodias de instrumentos de cordas — similar a uma harpa — e suas asas amarelas soltavam um singelo pó que se dissipava no ar, deixando um rastro amarelado por onde passava, que, aliás, tinha uma fragrância maravilhosa. A Morte pegou-a para si, colocou-a em seu peito, como um distintivo, e seguiu caminhando pelo jardim. Estela, enfurecida e enciumada, bicou a borboleta, ferindo-a de morte letal irremediável, com seu bico afiado destrutivo. Após o ataque, em um rápido movimento, engoliu-a antes que A Morte pudesse interceder.

A Morte ficou furiosa, tentou inclusive matar Estela, mas esqueceu-se que a coruja também era imortal. Decidiu enfim exonerá-la do cargo de companheira alada, jogando-a para sofrer, infinitamente em vida, na praia de Copacabana.

Estela perdeu seu cargo tão importante, sendo agora apenas uma corujinha fofa imortal, sem suas grandes armas letais. Porém ela ainda se aproveita de sua infinitude e sua forma felpuda e agradável: atualmente ganha a vida vendendo sacolé pela praia — também chamado de “geladinho” e outros nomes, nas diferentes culturas humanas. Ela não é mais tão importante ou conhecida no universo transcendental quanto fora no passado. Mas ela está bem mais bronzeada e cheia de vitamina D, e isso Morte nenhuma pode tirar dela.

Do Alto do Prédio

Do alto do prédio, dá pra ver quase que o bairro inteiro. Tem algumas ruas, cheia de árvores, que não dá pra se ver direito, mas dá pra notar o vento robusto balançando a folhagem. Mais em frente, logo ao fim da rua das árvores, tem uma escola. Daqui eu vejo que é hora do recreio — diversos pontinhos brancos, aparentemente uniformizados, zanzando pra lá e pra cá. Já na rua paralela àquela das árvores, existe uma rua menorzinha, tomada quase que completamente por um supermercado. O estacionamento desse mercado não está muito cheio, vejo daqui apenas cinco carros, acredito que duas ou três motos, e dois dinossauros. Por trás do mercado há uma igreja, e parece que está havendo alguma celebração. Um casamento? Um batizado? Tem muitos carros estacionados nas proximidades. Parece que uma rua próxima está com problemas no semáforo, tem um guarda de trânsito controlando o tráfego naquele cruzamento. Não dá pra ver muito bem daqui do alto do prédio, mas ele parece estar em cima de um jabuti... ou uma pedra? Não, definitivamente é um jabuti mesmo, está se deslocando com o homem em cima. Passou correndo uma menina num patinete, costurando o trânsito, está rápida demais, alguém precisa dizer pra ela que é perigoso correr assim por aqui. Oh, a duas quadras dali, um cachorro de grande porte está vomitando gelo no pequeno parque... cadê o dono dele? Tem um senhor sentado num banco próximo, será ele? Estranho é o banco estar fechado neste horário, como será que o senhorzinho vai descer dali pra ir embora depois? Não

vejo escada alguma... Enfim, descendo os olhos pra ruas mais próximas, vejo que a padaria que fica ao lado da minha casa está pegando fogo, muito provavelmente por conta do incêndio que estava acontecendo na minha casa quando saí para vir para o topo deste prédio olhar a paisagem — deve ter se alastrado então. A cidade às vezes tem barulhos demais, sirene de polícia, sirene de ambulância, sirene de bombeiro, eu entendo bem o pessoal que sempre que pode foge pro interior, é uma sensação de paz de outro nível.

O Menino da Lancheira Amarela

Quando pequeno, nos primeiros anos do ensino fundamental, havia um mito na minha escola de que se você estivesse sozinho no banheiro e ligasse todas as torneiras, acordaria “O Menino da Lancheira Amarela”.

O que era esse menino? Uma alma assombrada, espírito de um menino tímido e quieto, que morreu há muitos anos na própria escola, durante a hora do recreio. Os coleguinhas estavam zombando dele, todos usavam lancheiras azuis, verdes, vermelhas, até de cores mistas, de super-herói, tinha de tudo, mas esse menino usava uma lancheira completamente amarela. Ele estava sentado, sozinho e quieto, lanchando um delicioso sanduíche de peito de peru, preparado com carinho por sua mãe e bebendo leite achocolatado no momento em que a sequência fúnebre de fatos se deu. Um grupo de cinco ou seis alunos chegou perto dele e começou a zombar de sua lancheira e a cutucá-lo, pelo simples prazer infantil de causar incômodo. O menino, já impaciente, guardou suas coisas rapidamente na lancheira, deu esbarrões no grupo e saiu dali, apertando o passo. O grupo o seguiu, sem parar de atormentá-lo em nenhum momento. Em certo ponto, o menino desistiu de andar apressadamente e decidiu que correr era a solução, o pátio era grande, ele tomaria uma vantagem e tentaria chegar até algum zelador, ou algum adulto responsável. Os demais alunos, implacáveis, seguiram o dono daquela

lancheira amarela que agora reluzia com força o sol que estava fazendo naquela manhã. Começando a ficar cansado, o menino parou, se virou para aquele grupo e apontou o dedo pro céu. O grupo parou de segui-lo, estavam frente a frente, a poucos metros de distância, se encaravam — um pouco confusos, pois o menino da lancheira amarela mantinha seu braço inteiro erguido, com o dedo indicador firmemente apontando para o céu. Passados alguns instantes — que pareciam uma eternidade, no meio da troca de olhares furiosos entre o menino e o bando de alunos inconvenientes, surgiu uma zebra de armadura de dentro da terra. Ela foi se desenterrando do chão de saibro do pátio, sua pelagem alvinegra, por incrível que pareça, nem sequer se manchou com o saibro, era uma zebra especial. Os meninos não entendiam bem o que estava acontecendo, mas o da lancheira amarela estava muito confiante e seguro com a aparição do quadrúpede mágico. Nesse momento, ele abaixou o braço que erguia para o céu e montou em sua zebra mágica, abrindo caminho no meio da turba infantil. O menino da lancheira amarela, segundo os relatos que são contatos, estava muito confiante, em cima de seu alazão imponente não teria ninguém que lhe incomodasse. Foi então que aquelas crianças, enraivecidas, começaram a mudar a tonalidade de sua pele. O menino observava o que estava acontecendo, aquele grupo inteiro parecia estar fazendo força, uns mostravam os dentes rangendo, outros estavam ficando muito vermelhos, gritando. A zebra, impassível, observava tudo com um ar de superioridade, mas era nítido, para os profissionais das zebras — que por sorte também estavam lá, corroborando este relato —, que havia um ar de apreensão enrustido em seu olhar. Foi então que aquele grupo de crianças, de tão vermelhas que estavam ficando, começou a derreter, se misturando entre si numa gosma irreconhecível até então. A monstruosidade foi tomando forma, tinham dentes afiados em volta dos olhos, era de

uma cor vermelho-pepperoni singular, uma massa mole e fluida que, aos poucos, ia se enrijecendo, e tornava a amolecer. Notava-se fumaça exalando de toda sua forma inquieta. O menino da lancheira amarela guiou sua zebra, correndo para dentro do prédio. O pátio estava sendo tomado por aquela criatura absurda, que agora o seguia. O menino, com dificuldade, ia guiando sua montaria pelo prédio, eram muitos corredores, muitas portas, mas isso não fazia o monstro que os perseguia desistir. Muitos alunos gritaram de medo, de susto e de pavor, a zebra ainda tinha o cuidado de desviar de todos os obstáculos do caminho — o que os atrasava um pouco — enquanto a massa rápida, vermelha e destrutiva, saía derrubando e atropelando tudo no caminho, armários, portas, alunos. Foi quando o menino, após alguns momentos de corrida, se viu encurralado. Adentrou o banheiro dos meninos, que estava fechado para manutenção, e a massa, sabendo que o encurralara, gargalhou, entrou com tudo no banheiro também e manteve-se bloqueando a porta e as janelas para impedir qualquer fuga da criança. A zebra se sentiu acuada, o menino, com calma, desceu de seu companheiro mágico e novamente ergueu a mão para cima, com o já conhecido indicador levantado, gesto que a massa monstruosa lembrava que, da última vez, fizera surgir a zebra mágica. Porém dessa vez, diferentemente, não foi uma, mas sim dez zebras que apareceram, todas emergiram dos vasos sanitários e, diferente de antes, agora o que pairava era um olhar de fúria e confiança dos animais — ainda segundo um observador especialista dessas zebras, que via a cena de um ponto estratégico. As zebras se uniram e, sem muita dificuldade, derrotaram a massa monstruosa, com canhões de luz que saíam de suas bocas e olhos, reduzindo aquela criatura a cinzas. O menino sorriu, confiante, diante da derrota do inimigo, mas logo em seguida recebeu um coice daquela primeira zebra, que o acertou em cheio, derrubando-o. Em seguida, todas as zebras se uniram e

lançaram seus raios nele também, destruindo até o último átomo de seu organismo. Após essa reviravolta, as zebras decidiram que era hora de partir e sumiram, de modo radiante, com raios ofuscantes saindo de todas as direções, emitindo uma luz tão intensa que não deu pra observar nada direito. Tudo se acabou. Nem menino, nem zebras, nem monstros, estava finalizado aquele embate. A escola inteira estava em pânico. O zelador, um dos mais corajosos, aliás, foi o primeiro a entrar no banheiro pra ver o que se sucedera. Não havia nada lá, nem ao menos sinais de luta, exceto a lancheira amarela. Tudo o que sobrou de todo aquele embate foi a lancheira. O zelador, que tinha um apego pelo menino franzino e tímido, que ele sabia ser dono daquela lancheira, se ajoelhou e chorou. Foram dias de luto na escola, há muitos, muitos anos.

Tendo essa base de conhecimento, voltemos para meu relato: estava eu, ciente desse mito do menino da lancheira amarela, indo ao banheiro, tranquilo — nem me lembrava, no momento, da história do menino, admito. Usei o banheiro e fui diretamente para a pia, lavar as mãos. Observava meu cabelo no espelho. Foi aí que aconteceu: sem ninguém mais estar no banheiro, nem eu mesmo estar perto das demais torneiras, todas elas se abriram, simultaneamente. Na hora me assustei, era uma bancada grande, com seis torneiras, muito estranho todas se abrirem assim ao mesmo tempo. Quando olhei para o lado, vi a lancheira amarela, aberta, jogada no canto do banheiro, próximo a um ralo. Meu corpo gelou, senti minha perna falhar, não sabia o que fazer, estava trêmulo e ao mesmo tempo paralisado para fazer qualquer coisa. De dentro de um dos boxes do banheiro, saiu um menino. “Ah, que desatento, deixei cair minha lancheira!”. Fiquei encarando-o, atônito, enquanto ele fechava sua lancheira e se levantava. Passou por mim e acenou, mas fez uma cara estranha quando viu meus olhos arregalados. Foi até a porta e se retirou. Eu continuei lá por

mais alguns instantes, tentando absorver a situação. Foi tudo muito repentino, tudo muito surreal.

Passado o susto inicial, fechei as torneiras e saí, de volta para o pátio, para aproveitar os últimos minutos do meu recreio. Foi aí que notei que havia ainda uns outros seis ou sete alunos com lancheiras amarelas, cada uma com seu estilo particular. Entre elas vi, a do menino, ele estava brincando com alguns outros.

Nesse dia compreendi, sem erros, que não importa quanto tempo passe, a indústria das lancheiras coloridas continuará fabricando lancheiras amarelas.

Lili & Naufrágio

As irmãs Lili e Naufrágio moravam num tijolo abandonado, às margens de uma laguna. Lili, a mais proativa e animada do dueto, mantinha o abrigo em ordem — seus tamanhos diminutos facilitavam a vida. O tijolo basicamente as protegia da chuva e servia para estocar alimentos e Lili sabia bem de sua importância, por isso cuidava dele da melhor forma possível. Naufrágio, por sua vez, já não tinha tanto empenho e disposição assim, passava os dias dormindo e quando não dormia ficava com o olhar perdido, pensando na vida.

Naufrágio não sabia, mas sua irmã, Lili, na realidade era uma entidade cósmica — nunca fora uma irmã biológica de fato. Lili, em determinado momento, recebeu o chamado das grandes divindades ancestrais, tendo que partir para proteger o universo de uma hecatombe devastadora. Revelou, com cuidado e ternura, para sua irmã, sua situação. Naufrágio aceitou bem e desejou boa sorte.

O dia da partida de Lili foi marcada por uma chuva fina, que não se via naquela laguna havia tempos. O tijolo umedecido e o cheirinho de terra molhada deram o tom à despedida de Lili. Naufrágio, triste porém quase adormecida, deu-lhe um longo abraço e se distanciou, vendo a irmã de consideração flutuar no meio da bruma daquela manhã e sumir para sempre.

Naufrágio, desde então, teve que se esforçar pra ser mais ativa e disposta pois, caso não o fizesse, morreria. Passou a ficar mais acordada, colher pequenos frutos e

folhas para seu tijolo, limpá-lo. Até que se deu a grande reviravolta que a maioria dos contos tanto insiste em criar, o tal ponto que gera um clímax surpreendente.

A pequena protagonista, que não foi descrita em detalhes no início da trama para que suas características físicas ficassem em aberto, sentiu que algo errado pairava no ar, porém nada acontecia. Ela precisava urgentemente que algo acontecesse, a tensão aumentava a cada segundo. Pensou na irmã, que nesse ponto da trama já tinha partido há anos (ou há parágrafos, dependendo do observador), mas enxergou, por uma brecha entre os céus transcendentais de seu mundo, os olhos do autor, e eram olhos de alguém que não estava disposto a entregar um artifício tão simples e previsível como fazer retornar uma personagem superficialmente trabalhada.

Escorria um filete de suor pelo rosto de Naufrágio, tamanha a angústia que passava, mirada por olhos colossais de uma outra realidade e vendo que, por mim, não seria salva da aflição por uma atitude simples do autor.

Foi quando o autor olhou fixamente para o tijolo. Naufrágio estremeceu, pressentiu que o tijolo se tornaria uma criatura titânica, um embate histórico logo começaria. Mas não foi o que ocorreu. O tijolo, que era de um laranja-casa-serena, tornou-se verde-musgo.

“Mas... mas...” disse Naufrágio, confusa. Solto um leve suspiro, cansada, e entrou em seu tijolo, agora verde.

O autor, lá de cima, sorria graciosamente para o mundo que criara. Sorria para a metalinguagem. Sorria para Naufrágio.

Naufrágio desistiu de se importar, apenas fechou os olhos e foi descansar, sonhando com um mundo absurdamente interessante, que o autor jamais conseguirá saber qual é.

O Sumiço do Sol

Viajando para Minas, a cavalo, me deparei com uma situação inesperada: o Sol havia sumido em pleno meio-dia! Não era um dia nublado, muito menos chuvoso, o tempo estava plenamente limpo. Segundo minhas escassas memórias, o Sol costumava visitar o ponto mais acima de nossas cabeças próximo do meio dia. E cadê ele?

A estradinha de terra e cascalhos, com umas ervas crescendo timidamente pelos cantos, se estendia pelo meio de dois vales, que se conversavam por entre as curvas da estrada pobremente construída. Eu tinha tempo pra pensar na questão do Sol, o trajeto era longo. E foi o que comecei a fazer, pensando nas mil e uma possibilidades daquele evento. Entre as hipóteses, devo destacar: o Sol simplesmente acabou; o Sol resolveu ir embora e mais tarde voltaria; eu estava ficando cego; isso era um sonho; o Sol na realidade estava camaleônico hoje.

Nenhuma parecia se encaixar bem, na realidade. Mas era estranho, ainda estava claro, porém notei que já não havia sombra. Fato notado exatamente quando um urubu pairou próximo a mim, planando na altura dos meus olhos por alguns momentos. O encarei e disse “Bom dia, senhor Urubu, o que houve com o Sol?”. O urubu, bico torto, olho torto, resmungou “Sei não, vim aqui te perguntar justamente isso”. Pelo modo de falar, o urubu não parecia ser uma ave de muitos amigos, mas tentei seguir em frente com a conversa. “Quem será que sabe?” perguntei. Acenando com a cabeça para meu cavalo “E ele?”. “Ele não

fala”, respondi. “Cavalos não falam?”, indagou a ave. “Não, ele é um cavalo, cavalos não falam”. “Mas eu sou um urubu e eu falo, você é um humano e fala também!”, apontou o urubu, que agora decidiu repousar as asas do voo cansativo, pousando sobre meu ombro — achei aquilo invasivo, mas não o suficiente pra questionar ou querer criar caso. O fato é que o urubu levantou uma questão interessante: se o urubu fala, por que o cavalo não? “Bom argumento”, respondi, e seguimos por alguns metros num silêncio reflexivo.

“Cavalo, você fala?” resolvi perguntar, me dirigindo à minha montaria. Após um instante de silêncio e uma leve criação de expectativa, o cavalo respondeu “Oi, sim”. Fiquei surpreso e admirado, o urubu também, até tentou sorrir, mas a estrutura de seu bico impedia esse tipo de demonstração de satisfação. Sem questionar o motivo de seu silêncio sepulcral por toda a vida, fui direto ao ponto “Você sabe cadê o Sol?”. “Aquela bola brilhante que estava no céu?”, ele respondeu — acredito que ele não tinha muito conhecimento das coisas do mundo, mas relevei esse ponto. “Sim, ela mesma, sabe?”. “Está no meu bolso”, disse ele, tranquilo, enquanto mantinha seu trote constante e indiferente. “Mas...” nem terminei a frase, aquela situação estava atípica. Deixei de lado a ideia de perguntar sobre os bolsos e fui checar — realmente, havia bolsos! Ficavam próximos à sela, nunca havia reparado...

Pus a mão naquele bolso e peguei um pequeno pote. “Fermento”, estava escrito, em letras garrafais. “Cavalo, isso é fermento... não é o Sol...” comentei, indignado. O cavalo respondeu “Eu sei, eu não tinha onde guardar, resolvi guardar nesse pote”. O urubu saiu do meu ombro e seguiu a voar ao lado, disparando um comentário “Cuidado ao abrir esse pote, se o Sol realmente estiver aí, é o fim de toda a existência!”. Não havia pensado nesse ponto, será que teria problemas ao abrir aquele pote ali? E se não ali,

onde seria um lugar adequado para abri-lo? Bom, precisei abrir ali mesmo, não por ser uma obrigação para salvar a humanidade ou qualquer urgência do tipo, mas caso não o fizesse a trama ficaria parada.

Ao abrir a tampa do pote o Sol surgiu, rápido e direto, e correu para o céu. Não deu nem tempo de esquentar. O urubu ficou confuso “Hmm... será que não tem mais nada aí nesse pote?”. Fui checar. Não, não havia nada. “Acho que era só o Sol mesmo...”, disse. “Que sem graça... esperava algo mais cataclísmico...”. Um silêncio se instaurou pelos minutos seguintes. Continuamos pela trilha de cascalhos entre os vales.

“Nunca mais guarde o Sol, cavalo”, comentei, quebrando o silêncio.

“Tá bom”, respondeu ele.

O urubu agradeceu com um aceno o retorno do Sol e foi-se, voando para cima das árvores que decoravam a paisagem.

E o silêncio se reinstaurou pelo resto da caminhada.

Pequeno Conto do Universo Preso no Mesmo Ciclo

Um planeta explodiu. Diversos dos seus fragmentos se tornaram ninjas mascarados. Cada ninja mascarado combateu outro ninja mascarado. Os vencedores foram carbonizados pelo Deus Raio da Morte, que era uma entidade do fogo. As cinzas restantes se uniram, se transformando numa enorme nave espacial, que colidiu com essa entidade, embebida de ódio e vingança. O tempo congelou na hora do impacto, tudo se tornou branco, não se via mais nave, guerra, destruição, nada. Ou quase nada. Se via apenas uma flor de abacateiro. Passados uns instantes, se via o abacateiro completo. Os abacates na realidade eram livros. Os livros explodiram, todos, num festival de fogos coloridos. Um raio atingiu o abacateiro. Breu se fez. Do breu apareceu, tímido, um planeta. Uma voz do além gritou com o planeta. O planeta explodiu. E o ciclo se reiniciou.

Pipo, a Bola de Gude Espacial

Pipo era a bola de gude predileta de Maurício, a criança com a maior coleção de bolas de gude de todo o seu bairro. Vencia com facilidade todos os desafiantes que apareciam, era uma bola de gude veterana, fora comprada por Maurício há alguns anos e nunca perdera uma partida sequer! Uma vida vitoriosa!

Tinha traços curiosos, era transparente, mas dentro de si carregava um rastro de tinta vermelha e azul, que não chegava a aparecer nas extremidades de seu corpo esférico, era algo bonito de se ver. Pipo também tinha muitos amigos, e a cada novo desafio de Maurício, mais e mais bolinhas de gude surgiam, eram centenas!

Até que, um dia, Maurício foi desafiado por um lobo. Isso mesmo, um garoto em seus aproximados doze anos de idade foi desafiado por um lobo, e mais, não foi um lobo comum não, foi um lobo falante, igual ao de fábulas!

“Me disseram que você é o grande mestre das bolas de gude desta região, criança Maurício” disse o lobo, se apresentando pra ele num parque recreativo, com alguns amigos de Maurício por perto. Todos ficaram apreensivos e deram alguns passos para trás. O lobo deu um sorriso debochado. Maurício o encarou por um instante “Sou eu mesmo...”, respondeu.

“Dê-me todas as suas bolas de gude e você não sairá ferido, eu preciso delas para dominar o mundo!” o lobo rosnou, sem ao menos explicar como as bolinhas o ajudariam com isso. “Como as bolinhas vão te ajudar com isso?”, questionou, então, Maurício — Pipo, durante todo o embate, seguia apreensivo.

“Elas vão me ajudar!”, disse o lobo, impaciente. “Sim, mas como?”, reperguntou Maurício. “Ora, não estamos aqui para isso, me passe elas pra cá!” disse o lobo, avançando na direção do menino.

“VAI PIPO!” Maurício gritou, no momento em que o lobo avançara, e jogou sua bola de gude especial na boca do lobo, que a engoliu como que por reflexo, quase ficando engasgado.

Pipo, dentro do organismo do lobo, se transformou: aos poucos foi se expandido e poucos segundos depois de adentrar no animal, se tornou um homem alto, de cerca de dois metros de altura, com uma barba suja e já um pouco grisalha, cabelos na altura do ombro, mal cuidados, e vestido completamente num traje de mergulho preto, só com a cabeça descoberta. O lobo não teve muito tempo pra reagir, morreu durante o processo de transformação de Pipo, que o rasgou de dentro pra fora.

Pipo, embebido em sangue de lobo, sorriu confiante para Maurício. “Conseguimos!” disse a ex-bola de gude. “Sim, meu grande amigo!” respondeu Maurício, satisfeito com mais essa vitória.

Momentos depois, Pipo retornou para seu estado de bola de gude. As crianças próximas aplaudiram a cena ímpar, e todos se juntaram, rindo felizes, para continuar a brincar no parque.

O Segredo de Guilherme

Era para ser uma noite tranquila no bar da rua Afonso de Paiva. Guilherme e Fátima conversavam, descontraídos, sobre trabalho, vida, projetos, como vários casais costumam fazer. Acontece, porém, que não eram um casal normal. Guilherme guardava um segredo que Fátima descobriria no decorrer da fatídica noite.

“Vamos pedir mais batatas, amor” sugeriu Fátima, enquanto Guilherme, um pouco impaciente e distraído, concordava com a cabeça. “Que foi? Tá tudo bem?” ela perguntou, preocupada. “Não é nada, amor, só estou um pouco enjoado”. Era nítido que algo de errado estava acontecendo, mas Fátima não entendia e Guilherme parecia desconversar. Foi quando Guilherme olhou diretamente para o céu, sem nuvens, e mirou na Lua. Era noite de lua cheia. “Hoje é noite de lua cheia...” comentou despretensiosamente Guilherme, logo após este conto, por pura coincidência, ter informado a mesma coisa. “É, o céu está lindo!” respondeu Fátima.

Não mais que de repente, um apagão aconteceu. Nada se via e todos na rua, principalmente os clientes do bar, começaram a resmungar e procurar seus celulares, em busca das lanternas — também houve alguns pequenos pulinhos de susto, como de costume em situações assim.

Foram cerca de 10 segundos de apagão apenas, tudo muito rápido, mas foi o suficiente para, quando as luzes retornarem, Fátima se dar conta de que não estava mais diante de seu amado Guilherme. Ela soltou um grito de

espanto — em sua frente o que se via era uma frondosa jabuticabeira, de folhas exuberantes, frutos lustrosos, tronco claro e liso e quase dez metros de altura. No começo pensou ser algum tipo de brincadeira de Guilherme, mas não via nem rastro dele em lugar nenhum. Em sua cabeça, imaginou que Guilherme havia se transformado em uma jabuticabeira. Caiu uma jabuticaba na mesa do bar em que os dois estavam sentados e conversando agradavelmente há poucos minutos. Fátima olhou atenta para o fruto e notou que ele era diferente, e que havia um pedaço de papel fincado nele. Ela o pegou e o abriu. “Amor, eu sou uma jabuticabeira”, afirmava o papel, exatamente como previsto por Fátima alguns momentos antes.

Por alguns instantes, Fátima se viu alheia a tudo, àquele momento, à situação, e um filme se passava na sua cabeça, lembrando-se de tudo que vivera com aquele homem, que parecia tão normal, tão amável, atencioso. Ele não era mais isso. Ela havia se apaixonado por um homem que mentira, ele não era um homem, era um homem-árvore. “Homem-árvore”... esse termo ecoou na cabeça de Fátima pelo que parecia uma infinidade de horas, mesmo que não houvesse passado nem ao menos um minuto.

Uma segunda jabuticaba caiu, novamente um papel. “Me desculpa, amor”, dizia. Fátima amassou o papel com força, e lágrimas começavam a escorrer de seu rosto. Não queria olhar Guilherme nos olhos — ele não tinha mais olhos.

Num instante de fúria impulsiva, sacou uma faca de sua bolsa e rapidamente apunhalou a jabuticabeira em uma região qualquer de seu tronco. A faca não penetrou a dura casca vegetal. Novamente uma jabuticaba caiu, com um terceiro papel fincado nela: “Eu não vou morrer com uma facada, eu sou uma árvore”. Fátima já não sabia se aquilo era deboche, ameaça ou só um comunicado de alguém que

aceitou a facada como algo merecido pelos anos de mentiras.

Com os olhos e rosto vermelhos, entristecida e quase soluçando, Fátima virou-se de costas e foi embora, sem nem ao menos se despedir, deixando a jabuticabeira ali, ao relento.

Passado algum tempo, era hora de fechar o bar. O dono do bar notou a jabuticabeira descomunal em sua calçada, atrapalhando o trânsito de seus clientes. No dia seguinte, ele solicitou que a prefeitura retirasse a árvore dali. Dito e feito. A árvore, mesmo tendo quase dez metros, foi totalmente removida para ser replantada em um outro ponto da cidade.

Alguns dizem que hoje Guilherme está plantado numa floresta próxima da cidade, alguns outros sugerem que ele foi levado por madeireiros para ser aproveitado na indústria. Não se teve mais notícias sobre ele. Fátima, por outro lado, concluiu sua faculdade de jornalismo e hoje trabalha na área editorial de um jornal conhecido na região, se casou e teve uma filha chamada Renata.

A Agonizante Vida da Sacolinha Vitória

A sacolinha Vitória vivia no almoxarifado de uma enorme rede de supermercados. Já não era mais vista, pois algum dia um funcionário, não se sabe o porquê, a jogou por trás de um armário de produtos de limpeza — talvez preguiça de colocá-la num lugar adequado, ou até mesmo de jogá-la no lixo.

O fato é que se passaram anos, e nada mudou naquele almoxarifado. Vitória presenciou, de longe, escondida, muitas coisas: roubos, adultérios, brigas pessoais, o fim da existência humana, a ascensão de uma nova espécie de pequenos roedores superdesenvolvida.

Vitória está eternizada atrás daquele armário, até o dia em que o Sol engolir a Terra. Essa espera é lenta e dolorosa, mas um dia chega.

Dez Reais

O moleque roubou dez reais do senhor rechonchudo que estava com a nota em mãos, pronta para entregar ao pipoqueiro que passava anunciando pipocas doces e salgadas. Isso foi um pouco antes do espetáculo começar, o picadeiro já estava até iluminado!

“PEGA LADRÃO!” bradou o senhor, ultrajado pela perda da nota — muito mais pelo simbolismo disso do que pela perda em si, afinal, era um senhor rico. Bem gordo, bem ranzinza e também bem rico.

O moleque passou correndo pela plateia toda, tal qual um foguete! O rufar de tambores havia começado, o locutor já anunciava que o *show* estava para começar. O senhor gorducho sentiu muita dificuldade de passar pela plateia, era um espaço mínimo, e o moleque já estava quase a se perder de vista, mas o senhor não desistiu!

Saindo de perto do picadeiro, na área aberta do circo, o moleque seguia, implacável, com sua nota de dez reais. O gorducho, já ofegante, se distanciava mais e mais, e o moleque já estava distante o suficiente pra ser confundido com qualquer pontinho que esteja longe demais pra ser identificado.

Passado um momento, o gorducho, ainda resmungando, decidiu voltar para o espetáculo, sacou uma nova nota de dez reais e comprou sua bendita pipoca, que já não era tão boa quanto poderia ter sido se não tivesse passado pelo que

passou havia poucos minutos. Esse senhor seguiu vendo o espetáculo, até se esqueceu do moleque e se divertiu.

Mas o moleque não. O moleque corria.

O moleque correu tanto, e mesmo depois de sair da área do circo, continuou correndo. E correu mais. E sua velocidade só aumentava, era uma aceleração contínua! Depois de certo ponto, ele estava mais rápido que os carros que passavam perigosamente perto dele. Mais um tempo depois, continuando a correr por sua vida, ele se inclinou, e notou que já não estava mais tocando o chão. O moleque começara a voar! E continuava acelerando! A velocidade não diminuía nem se mantinha, era sempre mais e mais e mais! O moleque segurava firmemente sua nota de dez reais, e seguia em reta para sair da estratosfera. O moleque foi muito além, ele seguiu em reta, ele já estava beirando a velocidade do som! E nada o parava! O moleque estava no espaço sideral, e continuou correndo! Que fôlego esse moleque tinha! Atingiu a velocidade da luz! Ele estava em chamas, seu corpo ultrapassava o impossível!

Foi aí que ele se chocou com um asteroide: foi reduzido a átomos. A nota de dez reais evaporou no processo. Ninguém deu falta do moleque. Naquela mesma noite, o senhor gorducho, mesmo rico, lamentava a perda da nota de dez reais.

T. F. Jorge

Havia uma vendinha mambembe de caixas, próxima a um córrego que cortava um trecho afastado de Itaaporianiapa, vilarejo fictício criado exclusivamente para este conto.

O dono da venda, o Também Fictício Jorge, nunca teve um único cliente. Ele compreendia que além do vilarejo ser pequeno, e ter pouca demanda por caixas e caixotes, a sua localização, distante do centro, próxima do rio, não era um local de passagem de pessoas, o que dificultava ainda mais seu comércio a vingar.

Porém, Também Fictício tinha esperanças. Estava começando o oitavo ano desde que sua vendinha fora inaugurada, sem nenhuma compra, mas com a certeza de que em algum momento alguém iria até lá comprar um caixote — certa vez, um homem montado num cavalo pangaré estava passando, perdido, e pediu ajuda para encontrar o mercado central. Também Fictício deu as direções, o homem agradeceu e partiu, sem comprar nem um caixotinho sequer.

Hoje estava sendo um dia chuvoso e não seria muito prudente abrir sua barraquinha próxima ao córrego. Além do rio poder subir, a chuva molharia todos os seus caixotes. Hoje o Sr. Jorge não abriu a venda. Justo hoje, que a trama fez um colecionador de caixas passar próximo ao córrego, ansiando por novidades para sua coleção.

Também Fictício Jorge, suspirando pela janela de sua casa, pensou se perdeu algo em não ter aberto a vendinha hoje. Bisbilhotou o parágrafo anterior por uma frestinha e viu que sim. Ficou bem chateado com o autor por conta disso, e pensou até em deixar de lado sua venda e tentar emprego com alguma outra coisa. Mas Também não desiste fácil, amanhã terá um dia lindo de sol, sem nuvens, e ele estará lá, de vendinha aberta, ansiando para que o tal colecionador de caixas misterioso apareça novamente.

Bolinhas de Papel

Há uma lenda que diz que bolas de papel atravessam os céus do nosso planeta numa velocidade inacreditável, os olhos humanos dificilmente conseguem vê-las, e vigiam cada recanto escondido, dia e noite, à procura de sonegadores de impostos.

Não é contra o crime convencional, não é contra invasores extraterrestres: as implacáveis bolinhas de papel velozes fazem de tudo para identificar e agredir os sonegadores, jogando-se contra eles em alta velocidade, machucando-os, ferindo suas honras e seus organismos.

Dizem que elas foram projetadas pelo governo americano, e que existem mais de quinze espalhadas pelo globo, como drones, checando as mais variadas áreas de nosso vasto planeta.

Certa vez, uma atingiu um pintassilgo-de-cabeça-preta numa investida fatal. As autoridades checaram a situação, prontas para se desculpar com os familiares do dito pintassilgo, mas foi descoberto logo em seguida que não se tratava de um pintassilgo convencional, e sim de Iago Petkovic Pellegrini Melo, um estelionatário de renome, procurado há anos pelo serviço de inteligência de mais de trinta países por atentados, ameaça e roubo de informações. Ele na realidade era um ser humano, fantasiado de pintassilgo, e estava achando que estaria seguro, pois já estava se aproveitando do novo disfarce há mais de dez anos. Mas não existem barreiras para as bolinhas de papel. O grande erro de Iago foi ter sonegado

imposto em três desses trinta países, e isso o marcou como um sonegador universal, sendo rapidamente localizado pelo sistema de detecção das bolas de papel.

As bolas de papel salvaram mais uma vez o dia nesse episódio, mas elas não estão nem aí, tudo que elas querem é atacar os sonegadores, independentemente dos resultados de sua caçada.

Na Biblioteca

Estava sendo uma manhã estressante na biblioteca municipal. Uma grande remessa de livros acabava de chegar quando Pietro organizava o estoque. Laís, a atendente, estava sobrecarregada recepcionando as pessoas que entravam: era um dia de grande movimento por lá.

Pietro resmungou ao ver a pilha de livros que acabavam de chegar, tendo ele que abrir novos espaços entre os vãos de livro pra organizar os recém-chegados categoricamente. Laís, por sua vez, estava à beira de um colapso nervoso com suas demandas e, pra complementar, ela havia acordado resfriada e com dor de cabeça, mas achara que durante o dia de trabalho essas dores se diluiriam. Ledo engano, Laís, ledo engano.

Após quase uma hora, Pietro enfim finalizou sua tarefa e saiu da sala de estoque, chegando à área de livre circulação da biblioteca. Para sua surpresa, a fila da recepção estava quilométrica e não se via sinal de Laís. Em seu lugar ele notou que havia uma mochila rosa, e conforme foi se aproximando, notou detalhes florais e imagens de unicórnios multicoloridos. Era uma mochila bem característica.

As pessoas na fila de atendimento balbuciavam inconformadas com a demora, já que a mochila não podia atendê-los. “Bom dia, senhora”, disse Pietro, iniciando uma conversa com uma senhorinha de cerca de 70 anos, coluna adunca e um xale vermelho aparentemente bordado à mão

com detalhes geométricos, “A senhora viu para onde a atendente foi?” perguntou ele, tentando desvendar essa questão. “Meu filho, ela começou a gritar e ficou tão irritada que se tornou uma mochila, e até agora não voltou ao seu estado normal”, disse a senhora. Pietro, a princípio, não acreditaria, mas acenos de confirmação de outras pessoas da fila, reforçando a afirmação da senhora, deixaram ele convencido.

“Laís? Você poderia voltar rapidinho a ser pessoa? Tem um monte de gente querendo atendimento aqui, eu não sei mexer nas coisas aqui pra resolver isso sozinho...”, o olhar de Pietro era sincero, Laís, mesmo em forma de mochila, entendeu que realmente o ideal seria desfazer isso tudo, mas ela estava cansada, sua transformação ainda era recente, não conseguiria recarregar tão rapidamente assim.

Pietro entendeu que sua colega de trabalho estava enfraquecida e teve uma ideia na mesma hora: transformar-se numa usina hidroelétrica e enviar energia para a mochila!

Dito e feito! Após poucos instantes em que Pietro, já operando como usina de energia, transmitiu energia para Laís, ela não só deixou de ser uma mochila, mas também se multiplicou: sessenta Laíses estavam presentes, prontas para atender a fila inteira de uma vez só!

A fila ficou em festa com o que presenciou. Aplaudiram muito a jogada genial de Pietro, e mais ainda a presteza das Laíses, todas elas.

Sucessos à parte, não era uma biblioteca muito grande e acabou pedindo falência no final do mesmo mês, por não poder arcar com os custos de tantas funcionárias Laíses que surgiram de uma hora para outra.

As Laíses hoje ganham a vida se apresentando em conjunto em eventos, ou fazendo atendimentos em grandes

festivals. Pietro consegue, até hoje, muito dinheiro com a energia que produz.

Gusmão, o Prato

Gusmão era um prato convencional, feito de porcelana, sem grandes sonhos, servia apenas ao seu propósito mais básico, que era acomodar comida e terminar sua vida sendo jogado contra a parede durante uma discussão de casal ou numa festa grega.

O problema foi que Gusmão não aceitava essa vida simples, de final estraçalhante. Ele queria muito mais, queria conhecer o mundo, o universo, as ovelhas todas.

Perto de seu esperado fim, ele ousou ir contra as leis que regem os pratos. Ao ser atirado contra o rosto de um homem, Gusmão transcendeu, exalando forças do vazio-eterno que vinham do além-mundo. Antes que seu organismo de porcelana tocasse a pele daquele homem, o prato rompeu as barreiras do tempo e do espaço e foi diretamente para o meio do Universo, o centro exato de tudo que há, o ponto do Grande Começo.

Naquele ponto singular, o prato decidiu que era hora de descansar. “É hora de descansar mesmo”, disse Gusmão, concordando com a informação anterior, pois agora, após o evento absurdo que se deu, adquiriu consciência metafísica de toda sua própria história.

Gusmão agora rodopia em seu próprio eixo em qualquer canto do universo, descansando, mas dando uma leve atenção ao leitor que o imagina tão longe, sem saber que ele pode, agora mesmo, estar escondido vigiando sua leitura.

Sobre o Autor

Desde pequeno **Evandson Sousa** tinha afinidade por humor britânico, que sempre tinha um pé no absurdo. Encantou-se mais ainda ao ler livros como *Alice no País das Maravilhas* e *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, onde percebeu que há um vasto espaço de temática nonsense que pode ser explorado.

Sendo frequentador assíduo da blogosfera brasileira de humor dos anos 00, foi lapidando seus gostos e suas referências.

Em 2015 entrou para o grupo Capinaremos, nas redes sociais, onde interagia lendo e também enviando conteúdos diversos, com temática nonsense. De tanto participar, e se destacar, como um bom criador desse tipo de conteúdo, teve uma coluna no blog Capinaremos, onde publicava semanalmente pequenos contos surreais baseados em qualquer vídeo em formato GIF que fosse sugerido.

Em 2019 começou um projeto de elaborar contos e eternizá-los na forma de livro, saindo do até então exclusivo ambiente das redes sociais, onde os contos eram publicados.

Sobre a Casa do Escritor

A Casa do Escritor é uma consultoria que presta serviços e auxilia escritores no processo de produção, publicação e lançamento de seus livros.

Conheça os livros publicados e saiba mais em **casadoescritor.com.br**



casadoescritor.com.br